Farewell Acaju

LUIS MANOEL SIQUEIRA

Capa: Detalhe de Albert Eckhout
sobre cartão postal.

LUIS MANOEL SIQUEIRA

FAREWELL ACAJU

1ª Edição

RECIFE

2015

SE UM BÚZIO FOR TOCADO

DO LITORAL AO SERTÃO

QUEM O TERÁ ESCUTADO?

QUANTAS FLORES NO PRADO

DAS NUVENS DO FIRMAMENTO

SE UM CORAÇÃO FOR TOCADO?

MEU AMOR FOI SEPULTADO

DEBAIXO DE UM CAJUEIRO

NA FLORADA DE JANEIRO

FOI DEPOIS RESSUSCITADO

MINHA BONECA DE PANO

DE UM MUNDO QUE NÃO EXISTE

ESCUTA ESTE CANTO TRISTE

DO FUNDO DO OCEANO.

1. A MANUEL BEM-TE-VI

E o destino dos velhos do sertão que moram nas cidades grandes, exilados em apartamentos, tendo por vista uma pequena varanda, um pedaço de céu, talvez de mar? Os filhos cresceram, estudaram, empregaram-se na capital e depois mandaram buscar o pai: um viúvo doente, artérias entupidas, colesterol alto, glaucoma, diabetes, essas coisas que costumam acompanhar as velhas baraúnas arrancadas do chão onde nasceram.

De quando em vez um neto pequeno chega e pergunta; "O senhor está bem?" e o que lhes resta é um suspiro, meio sorriso vago.

Esses exilados nos edifícios da capital sonham com trovoadas de inverno; as gitiranas subindo as cercas, cantar de juritis, arrulhar de aves de arribação.

Ouvi, certa vez, um deles perguntar pela fazenda.

"Pai, aquilo ali não produz mais nada. É seca, improdutiva. Ninguém consegue mais produzi ali: esqueça aquilo!"

E a nora arrumada, pega os netos a fazer compras no shopping center, resmungando indignada: "Fazenda... ah! fazenda..."

O velho olha o apartamento bonito, peças de decoração, cristais, obras de arte. O filho doutor, dono de um hospital. Tudo fruto daquele pedaço de terra queimado pelo sol. Daquele pedaço de terra seco e pedregoso, hoje esquecido e abandonado. Foi dali que, por anos a fio, retirou o sustento da família, mandou estudar na capital, formou um por um. Daquele pedaço de terra mesmo - agora sinônimo de coisa imprestável, improdutiva, ultrapassada, um lixo, assim como ele.

Conheci vários casos, Manuel Bem-te-vi. E isso sempre me deixou pensativo. Por isso, quando eu soube da estória do velho que fugiu, desceu pelo elevador, sacola na mão, pegou um ônibus até a rodoviária. Viajou noite adentro. Desceu no meio da estrada, caminhou uma légua no escuro, até chegar à ruína da casa grande fechada, então uma réstia de sorriso invadiu-me o rosto. Passei pra mesa do lado onde se contava a estória e perguntei pelo final.

Dois dias depois, um vaqueiro tangerino que saíra a procurá-lo, encontrou a casa grande acesa no meio da noite. Abriu a porta e viu o velho dormindo o sono final numa cadeira de balanço da sala, cercado por uma multidão de almas de crianças a brincar de roda,

sorrindo, pulando e desaparecendo. Pondo o vaqueiro a correr, assombrado. Que o velho morrera cercado das almas dos meninos pagãos, daqueles que choram na sepultura por não terem recebido a água benta da pia cristã, e ficam vagando pelo mundo, assim, como esses depositados nos apartamentos das cidades grandes, ouvindo asneiras dos filhos ingratos.

Pois Bem-te-vi, trama agora a vida querer me fazer um deles. E antes que eu termine a estória que tenho, olho pela janela do apartamento e escuto lá embaixo, uma toada triste. E lembro-me de você, cabra velho! Anote: É noite. Dormem todos. Ouço o barulho do mar misturado com essa cantiga repetida. Um grupo de carroceiros cata papelão nos depósitos de lixo na rua. Moram em abrigos ali mesmo, debaixo do viaduto. Entre eles, um homem magro, o cabelo assanhado como uma caipora, entoa a canção enfeitiçada que lhe falo. Canção antiga que já ouvi antes não sei quando. Fala de cajueiros, amores perdidos e do fundo do mar.

Preciso lhe contar a estória completa, Bem-te-vi. Há pouco tempo para isso, antes dessa última florada que é o tempo de minha findagem. Ela começa numa praia deserta e cheia de dunas. Passava-se a Segunda Guerra Mundial.

2. PRONTUÁRIO MÉDICO

Tem rosto largo, moreno claro expressivo. Cabelos grisalhos, corpo rijo e forte. As sobrancelhas desenham uma expressão grave e as pálpebras piscam compassadamente. A boca, quando não fala, vive a murmurar conversa silenciosa mesmo quando come – o que faz sempre de colher. Às vezes canta, mas ninguém o compreende.

Suas mãos são enormes, mas se movem com delicadeza, assim, como os olhos negros.

Cata lixo pelas ruas e quando foi atropelado acidentalmente por um médico do hospital, levantou-se cambaleante, tentou aprumar a carroça de madeira. Não conseguiu. Apenas retirou de lá um urso de brinquedo que tem um braço descosturado, e caiu no chão desmaiado.

Foi trazido ao hospital no final da tarde pelo mesmo médico que o atropelou. Fala coisas desconexas e trata a todos por um mesmo nome: "Jum". Demonstra constante preocupação por alguém que ele chama de "MacCoy" e que é constante personagem das estórias confusas que vive contando aos outros pacientes e funcionários da enfermaria.

Grande sorte a dele de se envolver num acidente justamente com o médico filho do dono do hospital. O corte foi grande. A pancada na cabeça também. Não sabemos o seu nome e nem ele mesmo se lembra.

Em nenhum momento larga o urso de brinquedo.

3. O VENTO POR DENTRO DOS BÚZIOS

O coronel abriu os olhos na cama armada no copiar. O enfermeiro negro examinou o segundo tubo de soro pingando lentamente. De um dos barracos de madeira que havia debaixo do viaduto vizinho, ouvia-se o som de um rádio. Acordes de uma velha canção: Um tango.

- Escutas, Ignácio?
- Sim, meu coronel.
- Peça que aumentem o volume!
- Não posso. Disse o enfermeiro.

O coronel moveu o rosto lentamente.

- Eu assisti metade desse filme. Um homem faminto chega diante da vitrine de um restaurante. Entra, e pede comida. Depois, quando chega a conta, ele avisa que não tem dinheiro. Mas se oferece para saldar a dívida tocando piano. O gerente se compadece e termina por aceitar. Então ele toca esta canção.

Mas faltou energia no cinema. Faltou luz na cidade toda. Não vi o final do filme. Diga-me, como o filme termina, Ignácio?

- Não sei meu coronel.
- Peçam que aumentem o som!
- Não posso.

O soro pinga. O velho moribundo respira fundo. O negro enfermeiro empurra sua cama para junto da grade da varanda.

- "Dile que la quiero
Dile que me muero
de tanto esperar
que vuelva ya
... las rondas no son buenas
... hacen daño, que dan penas
y que acaban por llorar "

Uma mulher vestida num elegante roupão sai de dentro do quarto.

- Ignácio, como está papai?
- Está acordado, Dona Tereza Cristina.
- E do que ele reclama?
- De uma falta de luz.

4. AS MÃOS QUE ESCONDEM O CHORO

Quando conheci MacCoy, sentado num banco de praça, tinha as mãos nos olhos escondendo o choro. Então parei o avião e desci. O tempo estava escuro no altar da igreja do amor perdido, como se fosse assim o Adeus Claridade chegando. Eu fiquei com o coração apertado. E só tinha aquele avião carregado de lixo. Nada de um consolo. Então eu disse:

- Chore não, MacCoy. O Alamem ainda está longe. Venha comigo que eu vou lhe proteger dos seus inimigos!

Aí levei pra debaixo do viaduto, pois a praça estava cercada de feras malfeitoras. O negro Dedício me ajudou com as cobertas e uma sopa quente de carne boa. Comprei pão. Depois fiquei comprando biscoitos pelos dias vante pra não ver mais choro. De águas bastavam as do Potengi. Do Rio São Francisco. Da pia do Padre Suzano.

Água foi quem afogou Maria de vestido e tudo. Virou sargaço e saudade no caminho de Alamem. O professor dos pescadores falava disso tudo. Mostrava no mapa as coisas bonitas do mundo, antes de se desenganar e ir embora também, pois todo mundo um dia encontra seu caminho de um jeito ou de outro.

MacCoy ficou morando comigo e Dedício debaixo do viaduto, e nunca mais inimigo nenhum perseguiu. Nunca mais escondendo os olhos chorando. Toda guerra precisa coragem. Toda ela!

Um dia encontrei um urso pequeno e macio. Botei no avião e trouxe pra MacCoy. O coronel do primeiro andar viu. Foi um dia alegre na minha vida, Jum! Passei a noite toda cantando os cajueiros floridos.

5. CANÇÃO DE CRIANÇAS MORTAS

Pai viu do copiar o velho na sala da casa cercado de alma de criança pagã. Cantavam e brincavam de roda. Uma coisa mais malassombrada do mundo. Foi romaria de mãe sem filho perguntar se o dela também estava no meio. Pai não sabia dizer. Vaqueiro não se conhecia mais, só da cantiga dos cajueiros – a mesma que Maria minha irmã cantava pros pilotos de Parnamirim.

- Singa song, Maria! E ela cantava pra eles a canção das almas.

Prometeram a ela passear nos avião e eu avisei que era mentira. Eu disse. Queriam namorar no baile da Base. Ela nem vestido tinha. Queriam andar de noite na praia. Queriam tirar dela aquele que era o Seu prometido: o professor dos pescadores!

Depois apareceu MacCoy. Muita confusão na cabeça da menina!

Se Maria minha irmã me tivesse me ouvido não teria se atirado no mar, procurando pelo caminho de Alamem e do Adeus Claridade. Nem quase matado de tristeza o professor dos pescadores.

Uma canção pode enfeitiçar a vida de uma criatura e o destino dela fica atrasado muitos anos. Um beijo errado, uma noite de festa na Base dos americanos. Vira uma guerra de Alamem no coração de uma criatura, feito uma toada de criança fantasma. Vaqueiro sabe disso. Pai viu o velho rodeado delas. Pediu a negra Paloma pra casar com ele antes do teatro do caminhão ir embora.

Mas não conhece mais.

Cantei em cima do caminhão teatro e tornei a cantar uma noite debaixo do viaduto. E o coronel do primeiro andar levantou da rede num pulo. Como que sabia? E eu sei? E quem precisa?

6. AS COISAS DO LIXO

Do pai não me conheço mais, Jum. Só um perfume de saudade. Risco de sorriso, desenho do rosto – nada. Só as estórias que me contavam, que era a alegria dos meus olhos dele. E da vez que ele viu no copiar da casa na beira do rio, o velho cercado da alma de crianças que tinham morrido sem batismo.

O pai é só um Adeus Claridade de todo dia, e das noites debaixo do viaduto.

Quando eu conheci o professor dos pescadores eu comecei a achar que ele se parecia com o pai. Por isso ia pras aulas. Por isso o sorriso dele pra mim. Eu me vendia por um sorriso quando eu era menino. Nem chocolate americano dos pilotos. Nem sentar na cabine de MacCoy. Um sorriso e eu tocava fogo no mundo!

A gente se vende por coisa sem preço, até por coisa que nem se encontra no lixo.

Quando o caminhão-teatro chegou na vila, não arredei o pé do palhaço Vagalume e da Negra Paloma. Tudo por causa de um sorriso.

Mas o sorriso da gente acaba quando cresce, Jum. A gente esquece como ele é. Só se lembra quando vê na cara dos outros. Como no rosto pequeno de MacCoy, ou nos dentes brancos do negro Dedício, quando ele ri no escuro. Mas eu não sei se ele sabe sorrir ou fica somente mostrando a boca aberta. Todo sorriso me lembra o pai.

Dele já não conheço mais.

7. O PROFESSOR DOS PESCADORES

O nome dele não me lembro, Jum. Eu vi escrito num livro que achei num monturo. Era forte, cabelo misturado como as águas do rio chegando no mar. Nadava bem e corria na praia bem cedinho, antes do mergulho.

Dava aulas aos pescadores e aos filhos deles numa caiçara de palha de coqueiro feita escola. Foi meu professor também. Ele me ensinou a ler poesias e palíndromos.

Ensinava as estrelas, o nome das conchas do mar e os países nos mapas que a gente nunca vai conhecer: como Alamem e Marrocos. Os pescadores ouviam tudo em silencio e copiavam devagarzinho em seus cadernos amassados e lápis de pontas grossas.

Ele foi o primeiro a gostar dela, antes de MacCoy. O primeiro que vi triste, quase escondendo o choro com as mãos. Foi embora assim, como revoada de maçarico na areia – nunca mais voltou. Os pilotos assustaram muita gente. Aquela língua estranha. Os B-25 e os motores roucos.

Quando foi embora, o professor dos pescadores deixou uma falta na gente que não sei explicar.

E um dia, puxando a carroça no centro, achei muitos livros num monturo. O nome dele estava escrito na capa de um palácio japonês. Não entendi o livro, Jum. Nem precisa. Poesia demais deve de ser. Apenas os desenhos. Eu gosto de desenhos de meninos. Queria ter um desenho de MacCoy. Queria um desenho do professor, da Praia das Pedrinhas e de um búzio.

Eu queria saber desenhar o mundo com lápis de ponta grossa. Mas aprendi não, Jum. Faltei às aulas.

8. A SERVENTIA DOS PALINDROMOS

Palíndromo, Jum, você lê de trás pra frente e é a mesma coisa. Não entendo deles. Nem precisa. Sei que a vida da gente não é como palíndromo. Só umas partes. Poucas dela.

A florada de caju deste ano foi abortada, Jum. A luz do relâmpago queimou. Mas na cidade não crescem cajueiros, só prédios, edifícios, de onde saem caixas de papelão à noite. A Praia das Pedrinhas tinha cajueiro. Tinha búzios. Dentro dos búzios corre um vento mágico, o mesmo que empurra as ondas do mar e que fazia ondas nos cabelos de MacCoy.

O vento que sopra dentro dos búzios da praia, onde floresciam os cajueiros, são palíndromos. Não como o que me ensinou o professor dos pescadores: "*O lobo ama o bolo*", mas como uma coisa que leva a gente de volta pra lembrar o que passou.

Eu lembro da guerra, Jum. Os soldados americanos chegaram e tomaram conta da praia. Fizeram a Base. Trouxeram aviões, muitos. Falavam estranho, faziam zoada nos jipes. MacCoy não. Era calmo, calado. Fez amizade com o professor dos pescadores e comigo. Eu apanhava búzios para ele. Búzios e conchas e tudo mais que o mar tinha de bonito e jogava na areia. MacCoy gostava das coisas sem serventia, como os palíndromos, como o papelão das cidades que fica na rua e que a gente apanha pra viver.

Nesse tempo Maria era bela como uma princesa. O vento das ondas corria pra soprar seu cabelo e a saia. Os americanos paravam e ficavam olhando, diziam coisas, mas ela nem sorria. Quantas floradas de caju já fazem? Nem me lembro. Tudo que tenho é a lembrança de tão pouco. Tenho uma carroça também, a B-25. Ficou quebrada no acidente, mas Dedício vai consertar quando eu sair do hospital.

Pode tomar a minha sopa, Jum. Perdi a fome. A guerra acabou faz tempo. Os alemães perderam. MacCoy desapareceu no caminho de Alamem e ela foi sepultada debaixo de um cajueiro na Praia das Pedrinhas. Todo ano ele florescia: era um caju bem vermelho. Vermelho e doce. Assim, como o batom de sua boca. Mas não deve ter florescido esse ano... Houve muito relâmpago. As flores não gostam de relâmpagos.

Pode tomar minha sopa.

9. O HIDROAVIÃO

Eu era pequeno, Jum. Morava na caatinga na beira do Rio. Foi no tempo da guerra que o avião que pousava na água chegou. Eu fui o primeiro a ver MacCoy. Ele desceu do bicho. Tinha um macacão de piloto, Saiu nadando e se escondeu num combro do rio. Tremia de frio de febre. Não entendia o que dizia, Jum. Americano fala de trás pra frente. Eu trouxe jacuba pra ele. Depois um prato com ovo, arroz e feijão. Mas ele ficava ali, calado. Acho que pensava nas tristezas da guerra, Jum.

O avião pousou no rio pois errou o caminho de Alamem. MacCoy nadou até a prainha e entrou na caatinga deixando o rosto ferido como o de um santo. Andou até topar com o altar da igreja velha do amor perdido e ficou rezando, ajoelhado, um dia e uma noite.

Encontrei ele e sai correndo avisar o Padre Suzano que foi comigo até lá. Ninguém entendia o que falava, era um ditirambo danado. Padre Suzano foi quem entendeu pouca coisa. Italiano faz pareia com inglês. Eu entendi que ele era o piloto do avião pousado no rio. Nem sabia de Alamem. Nem sabia de coisas outras que o professor dos pescadores me ensinou, depois, quando mudei.

Padre Suzano levou ele pra casa. Deu comida e vinho. Não ia viver no mato, de jacuba e ovo com arroz.

MacCoy foi melhorando os poucos, engolindo o choro. Ninguém sabia o que fazer com ele. Me deu um passarinho de ferro brilhante do macacão. E duas estrelas. Pedi pra ver a pistola e ele abanou a cabeça. A pistola não! Mas me levou no avião e sentei na cadeira do piloto. Meu coração de menino quase saiu pela boca de tanta alegria. Nunca mais queria sair dali.

Quando o caminhão-teatro chegou um dia na vila, ainda pensei em ir embora e virar palhaço de ajuda - mas qual! Trocar um avião que vai até no céu por um circo de caminhão? A gente não deve trocar tudo na vida. Só estrela de ferro. Passarinho de macacão de piloto.
E sorriso.

Procurei uns vaqueiros e mostrei MacCoy a eles. E o avião que pousava no Rio. O povo veio ver. Botaram ele numa tapera velha. Eu trazia comida. Diziam: "Tá doido. Veio avoando da Alemanha e endoideceu." Mas ele nada dizia. Só comia e olhava o mundo numa tristeza triste de doer.

Avisaram a polícia. O padre falador. MacCoy entendeu. Uma tarde, eu de longe, sentado nas ruínas da igreja velha dos tempos dos reis, vi quando ele nadou até o avião. De lá de dentro eu ouvi o tiro. Muitos anos depois da guerra os pais dele vieram buscar os ossos. Tiraram da cova onde foi enterrado, do lado de fora das ruínas da igreja dos tempos dos reis. Parece que ele era herege e não acreditava em Nossa Senhora. Mas acho que ele foi pro céu. Ele sabia avoar!

Os velhos levaram os ossos numa caixa de ferro. Agradeceram a todo Mundo da vila. A mim não deram nada. Só um chiclete americano e um passado de mão na cabeça. Depois eu soube que MacCoy tinha fugido da guerra com o avião que pousava na água. E perdido o prumo da vida. Pois era doente e fraco do juízo, assim como eu.

10. UM SERTÃO DENTRO DO MAR

O caminhão teatro chegou na vila e ninguém entendia o que era. Até o palhaço sair pela rua e anunciar o espetáculo da noite. Aquele não era um povo de circo. Era um povo que se escondia no circo. No caminhão teatro. Gente da cidade que vinha escondido brincar de circo. É que o jeito das pessoas denuncia o que não querem dizer.

A estória que contaram de noite, no teatro iluminado por uma fileira de lâmpadas acesas, foi a minha, Jum. Foi a de tudo mundo da vila.

Um piloto americano na Base de Parnamirim se apaixona por uma prostituta nova da Casa de Maria Boa. Ela de nome Ritinha Dois Vestidos e ele era MacCoy. A paixão no tempo da guerra bole até os ouriços do mar. Pois as coisas de dentro do mar se parecem muito com as coisas da caatinga. Nos espinhos e no silencio. Todo mar tem um Sertão dentro. E todo Sertão tem um Alamem, uma guerra pela frente.

Os aviadores eram meninos crescidos. Mas tinham de aprender a voar pra guerra no Alamem, do outro lado do mar. Mas eles só sabiam de querer nadar nas camas de Maria Boa. E correr nas dunas de vento. Tomar banho na praia e nas lagoas de água escura. Dançar Fox-trot e ensinar menina de família a fumar. Depois passar a mão por baixo da saia delas. E a guerra ali em riba deles: A morte esperando sorrindo.

Um dia, um deles foge num hidroavião pro sertão. Pousa no São Francisco. Se esconde nos combros do Rio e depois dá um tiro na cabeça. Outro vai embora e cai no oceano. Outro morre em Alamem. Outros vão embora quando a guerra termina, a casa de Maria Boa fecha as portas. Ritinha desaparece no mundo. Parnamirim vira um deserto e o Potengi continua correndo pro mar.

- Essa estória é minha, moço do caminhão teatro!

Depois eu fui ser estivador no Porto de Santos e lá conheci Dedício. Depois a gente adoeceu e virou carroceiro de lixo. E ficamos vizinho de barraco e de viaduto.

Um dia eu vi uma injustiça no mundo e trouxe pra dentro de casa. É tudo o que tenho. Se eu perder, não quero mais vida. Depois de Maria, não aguento mais despedida. Por isso que disse que a estória do caminhão teatro era minha.

11. RITINHA DOIS VESTIDOS

Por ela eu matava o mundo, Jum. Eu lutava em Alamem. Matava alemão. Só tinha dois vestidos velhos – eu não me lembro de outros. Mas eram os mais bonitos da Vila. Parecia o mato verde quinze dias depois da primeira trovoada de janeiro florido.

Ritinha foi a única mulher que eu amei, Jum. Depois nunca mais. Depois não me importava. Que a vida é assim: só uma vez. Em tudo. O resto é enganação.

Quando o soldado largou ela, eu fui atrás. Depois do emprego de virar macaco Monga, eu soube da Base de Parnamirim. Tinha uma dona lá, Maria Boa. Um Cabaré. O melhor pros americanos. Só mulher nova bonita, Jum. Pedi conta no serviço do porto e larguei estivagem. As costa já empenada. Juntei o dinheiro e fui na Vila. Ia fazer uma festa. Todo mundo já morava no cemitério. A seca tinha matado tudo. Agora só quem tinha bomba de puxar água do Rio.

Perguntei por Maria Ritinha Dois Vestidos. Tava no giro do Potengi, perto da praia. Trabalhando na casa de Maria Boa, servindo aos pilotos da guerra. Não pode! Eu disse. Princesa é princesa. Ela só tinha dois vestidos, é verdade, mas nem pra virar macaco nem pra puta.

Chorei três dias.

Um dia, risquei na estrada e fui embora. Era um menino, ainda. Ela uma mulher.

Cheguei na Cidade Alta e perguntei pela casa da dona. Um negro me parou na porta. Não deixou entrar, pois tinha jeito de pobre. Ainda tenho, Jum. Mas quando ela soube que eu tava lá, mandou me buscar pela porta da cozinha. Me deu um abraço tão grande, tão forte, que senti a terra tremer enquanto soluçava.

- Ritinha, eu vim aqui te proteger!

No dia seguinte ela me apresentou um namorado. Era MacCoy. Ele me levou pra passear num jipe americano pelas areia da praia. Era amigo do Professor dos pescadores. E deu um vestido novo pra Ritinha. E deu perfume. E deu sapato novo. E beijos.

Eu não podia dar vestido novo a ela. Tudo o que eu tinha na vida era um coração.

12. NA PONTA DO MORCEGO

- Alô, Tereza Cristina? Atropelei um homem. Um velho carroceiro catador de lixo. Quando vi, ela atravessou na minha frente. Está muito ferido e já providenciei ambulância. Vou levá-lo pro hospital. Não, não morreu não. Não ainda. Muito sangue. Pancada na cabeça. A carroça que puxava ficou destruída. Ele caiu desacordado, mas agarrado com um ursinho de pelúcia. O que? não! Um ursinho desses de criança. Acho que é meio louco.

Avise no trabalho. Vou ter de faltar. É que tenho que aprontar um boletim de ocorrência, pois se o velho morre, eu estou enrolado.
Tereza Cristina, alô? Alô?

Tereza Cristina Rosado. Morena, bonita, 36 anos, viúva. Você foi casada por 10 anos com um homem que lhe deu dois filhos. Uma felicidade que parecia sem fim. Mas um dia, um diagnóstico condenou seu marido à tratamento com quimioterapias. Foram meses de sofrimento e agonia, até a morte. O luto cobriu-lhe a alma. A tristeza parecia vir morar para sempre em sua vida. Nenhum conforto ou palavra lhe restaurava a vontade de viver.

Um dia, os filhos pequenos não suportaram o tamanho da dor. Pediram-lhe para voltar a viver. Ou morreriam com você.

Havia um cristal que o seu marido lhe dera de presente. Um cristal de uma mina do Seridó. As faces limpas e transparentes ornamentavam a sala, do lado do telefone. Presente eterno, esse de sentimento.

Você pegou os filhos pela mão. Pegou o cristal e saiu com eles de carro, pela noite. Todos choravam. Não imaginavam aonde iam. Parou o carro na Ponta do Morcego e mandou os filhos descerem. O medo tomava conta de todos. Caminhou até a extremidade rochosa e, diante das ondas que se debatiam, tomou o cristal nas mãos e disse aos filhos:

- Este cristal foi um presente do pai de vocês para mim. Agora, ele significa o meu amor por ele. Este cristal agora é ele! Eu não consigo mais viver com essa dor dentro de mim. Nem ver vocês sofrendo comigo. Vou dar adeus ao pai de vocês de uma vez por todas, ouviram? Entenderam?

Tereza Cristina, você arremessou com toda força o cristal para a escuridão, para o oceano, e ele desapareceu nas ondas para sempre.
Depois a gente chorando, os três. E voltamos pra casa e recomeçar a vida interrompida pela saudade.

- Alô, Tereza Cristina, fique tranquila. Está tudo bem! O velho carroceiro foi medicado e está fora de perigo. Apenas fala coisas desconexas, mas é normal. Foi a pancada na cabeça. Vamos tratar dele. Dê um beijo nos meninos por mim. Vá dormir. Eu te amo!

13. O CAMINHO PARA ALAMEM

Quem matou MacCoy foi o tempo que ele viveu. A gente é prisioneiro do tempo da vida, Jum. Do tempo que vive. Por isso meu avião foi atropelado na rua pelo carro do doutor. Por isso estou aqui no hospital contando a estória. A estória de MacCoy, da Igreja do altar do amor perdido. A estória que o professor dos pescadores contava de noite – a mesma que ouvia na margem do rio. Não posso parar de contar, Jum, pois sou também preso nesse tempo de minha vida.

Talvez conserte o avião quando sair daqui. Antes do tempo do Adeus Claridade. Preciso ver Dedício de novo. Quero pagar a promessa debaixo do viaduto e cumprimentar o coronel do primeiro andar. Fazer uma festa com bolo novo de loja. Eu não aguento mais sonhar com o caminho de Alamem. Os remédios me levam pra lá. Eles eram meninos, todos eles, e nunca mais voltaram. Nunca para passear de jipe, mergulhar no Potengi e depois ganhar chocolate.

Que matou ele foi o tempo mesmo. A desesperança da saudade e do escuro debaixo do viaduto. O Adeus Claridade chega e leva o avião da pessoa embora com saudade e tudo. O professor dos pescadores dizia isso. O doutor daqui sabe: é piloto experimentado nas ventanias de chuva.

Eu vi o filme que o coronel do segundo andar assistiu pela metade. O negro Ignácio não entende. É Noite de Ronda. Dedício conhecia a estória do pianista. Todo mundo um dia conhece uma moda parecida assim. Eu conheci a de MacCoy, que caiu com o avião no rio e se escondeu no mato. Achei-o depois ajoelhado no altar da velha Igreja do amor perdido. Era uma noite de lua cheia. Ele parecia a alma de outro mundo. Como as que o pai viu no copiar da Casa Grande.

Mas era só um menino. E estava perdido.

14. VOLTA PARA CASA

A benção pai, que não lhe escuto. A cadeira vazia de minha mãe. A irmã doente: todos no cemitério? E eu que um dia desses brincava aqui na rua com ponteiras de ferro e dinheiro de embalagens de cigarro? No cemitério? E meus amigos irmãos que corriam comigo as campinas floridas no tempo chuvoso, catando crisálidas para fazer adivinhação? Tomando banho de bica nas trovoadas. E os tios cuidadosos, os amigos de noite, nas cadeiras, nas calçadas, falando do mundo e da vida e seus malassombros: cemitério? Qual o que!

O filho de Dona Antônia que sentou praça e lhe mandou a primeira televisão da Vila. O mesmo que me deu dinheiro pra viajar no ônibus que eu nunca mais voltei?

Para onde foi Ritinha Dois Vestidos, que era minha namorada e também paixão de minha vida e meu amor imenso de infância? Ingrata que casou com um soldado e apanhava dele, embriagado, e que largou para trabalhar de Monga que vira macaco num ônibus velho, mundo afora, e por quem derramei um açude de lágrimas. Cemitério? Cemitério também?

Meus cadernos cheios de madrigais. Meus discos arranhados. Coleção de planos de vencer na vida e ficar rico e ser feliz e famoso e voltar um dia pra ajeitar a vida de todo mundo, com dinheiro - dinheiro pra todo mundo nunca mais precisar de dinheiro. Para onde foi isso tudo?

E num dia aziago, quente, cheio de vento empoeirando as vistas, chego e chamo pelo nome das pessoas e ninguém responde, caralho! Agora que eu trouxe dinheiro pelo menos pra fazer uma festa, minha gente! Apareçam! Pra onde foi todo mundo? Para onde foi a minha vida, meu Deus do céu?

- Ô de casa! Ô de casa!

15. ADEUS CLARIDADE

Quando nenhuma duvida mais restou aos médicos sobre a sanidade daquele homem, e que suas alucinações eram perenes e de origem difusa, inexplicáveis, deixaram-no ir. Antes, porém, arrumaram sua carroça de lixo e o urso de pelúcia.

Mas uma visita inesperada marcou sua despedida. As freiras do Orfanato Sacre Couer chegaram numa tarde trazendo uma pequena menina morena, não mais que cinco anos, que vivera um tempo sob a sua proteção, num barraco de papelão debaixo do viaduto. Ela tinha sido alvo de frequentes abusos pelos moleques das ruas, pois não tinha família e dormia nos bancos das praças. Ele a resgatou e salvou da fome e daqueles suplícios. Depois do acidente, Dedício e os médicos a deixaram sob os cuidados das irmãs, que agora cuidavam dela no convento e na escolinha.

A menina chegou tão emocionada no hospital, que quando o encontrou sentado na cama, o olhar fixo num ponto da parede, correu soluçando para os seus braços, enquanto repetia afetuosamente, para o espanto de todos:

- MacCoy, meu MacCoy, que saudades de você!

As freiras pediram que ele sempre fosse visitá-la no colégio, pois não sabia quem eram seus pais. E que aquela criança lhe devotava uma gratidão e carinho imensos.

Naquela mesma tarde ele partiu puxando a sua carroça. Mas sem o urso de pelúcia, que ficara com ela.

Foi seguido pela rua pelo olhar dos médicos residentes e enfermeiros, até que a certa distância bradou com todas as forças:

- No rumo do Alamem, Adeus Claridade!

Desaparecendo em seguida no meio do trânsito, depois da curva de uma esquina.

Ninguém entendeu direito o significado daquilo.

E quem precisava?

LUIS MANOEL SIQUEIRA é escritor pernambucano.
Publicou **O LEÃO E A BARONESA, A IDADE DA PEDRA, NERUEGA, A URGÊNCIA DE ANIMAR O CORAÇÃO, TODAS AS JANELAS DO MUNDO, BREVIÁRIO DE HERESIAS SERTANEJAS & OUTRAS ANOTAÇÕES DE VIAGEM, O PEDIDO QUE FIZ AO MEU CACHORRO, MIGUEL, O GATO, JAMAIS HOUVE TREVAS, ADEUS,** além de artigos em jornais, revistas, antologias e artigos científicos.

Tem inédito: **AS ESTÓRIAS QUE EU NÃO LHE CONTEI**.

Uma mulher e duas crianças jogam um cristal nas ondas do mar e fazem um juramento.
Um carroceiro catador de lixo é atropelado, e no hospital, narra estórias sobre pilotos da Segunda Guerra Mundial, sobre um professor dos pescadores numa praia cheia de dunas, como o deserto de El Alamein na África.

O cabaré de Maria Boa. Ritinha Dois Vestidos.
O coronel doente que passa seus dias na varanda de um apartamento ao lado de seu enfermeiro negro.
Um caminhão-teatro que chega numa cidade do interior e encena a vida dos moradores.
O que significam essas estórias todas?
Onde começam e onde terminam?

Uma novela cheia de símbolos e sonhos alinhavados em torno de um personagem mágico chamado MacCoy, que toma a forma de várias pessoas, sempre com um perfume de uma incompreensível ternura, e cujo significado é desnecessário entender.